

Musical resgata a Pequena África de Heitor dos Prazeres

PÁGINA 2



Uma cinebiografia que vai irritar Donald Trump

PÁGINA 5



Teatro Imperial passa a exibir filmes em 35mm

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

# É preciso condenar a VIOLÊNCIA SEXUAL

*Débora Falabella e diretora Yara Novaes debatem a violência de gênero com mulheres juristas após apresentação do monólogo 'Prima Facie'*



*Débora Falabella vive os dilemas de uma advogada que tem abusadores sexuais entre seus clientes em 'Prima Facie'*

**D**esde a sua estreia em Londres, em 2022, "Prima Facie" seguiu uma trajetória meteórica. Escrito por Suzie Miller, o texto ganhou dezenas de montagens ao redor do mundo, conquistou a Broadway e o West End inglês, virou objeto de disputa entre produtores e inspirou debates e esforços para mudar algumas leis britânicas. A peça iniciou sua temporada nacional no Teatro Adolfo Bloch, na Glória, em versão inédita, dirigida por Yara de Novaes e estrelada por Débora Falabella, que assume o desafio de encenar o primeiro solo de sua carreira.

Em cena, Débora vive a bem-sucedida advogada Tessa, que tem acusados de violência sexual entre seus clientes. Vinda de uma família pobre, ela batalhou e venceu no

complexo mundo da advocacia. Ao mesmo tempo em que experimenta o sucesso, ela precisa encarar uma crise que a obriga a rever uma série de valores e princípios, além

de refletir sobre o sistema judicial, a condição feminina e as relações conturbadas entre diversas esferas de poder.

Devido ao êxito nos palcos, a autora Suzie Miler foi convidada para debater sobre o tema na última assembleia da ONU sobre o abuso de mulheres. Atualmente, "Prima Facie" conta com montagens em cartaz nos palcos de países como Alemanha, Austrália, Estados Unidos, Nova Zelândia, Turquia, entre muitos outros.

E nesta sexta-feira (24) a sessão do espetáculo tem uma atração a

mais. Após a apresentação, Raquel Dodge, ex Procuradora-Geral da República; Andrea Pachá, desembargadora, escritora e juíza; Adriana Cruz (juíza) e Carla Serva (advogada) vão participar de uma roda de conversa com Débora Falabella e a diretora Yara de Novaes.

Elas vão conversar sobre a representatividade feminina no judiciário, a legislação de violência sexual e o fenômeno que "Prima Facie" vem causando em diversas montagens ao redor do mundo ao debater esses temas.

As quatro convidadas para o

debate assistiram ao espetáculo e ficaram especialmente tocadas com a personagem de Débora Falabella, uma advogada que passa a questionar o sistema judicial após enfrentar uma situação que muda para sempre a sua trajetória.

### SERVIÇO

#### PRIMA FACIE

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)  
Até 30/6, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h)  
Ingressos: R\$ 150 e R\$ 75 (meia)



## CORREIO CULTURAL

Marcos Roger/Divulgação



Caetano decidiu cantar três canções com Xande

## Estreia da nova turnê de Xande de Pilares terá Caetano no palco

Xande de Pilares estreia a Turnê “Xande Canta Caetano”, no próximo dia 2, na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, em Salvador, e vai contar com a participação do ilustre homenageado, Caetano Veloso. O baiano, que iria apenas assistir ao espetáculo da plateia, decidiu subir ao palco e dividir com o sambista três faixas

que serão definidas nos ensaios, que irão acontecer na próxima semana. O show será dirigido por Regina Casé, amiga dos dois artistas. Após esta estreia em Salvador, Xande segue em turnê com a banda passando pelas seguintes cidades: Belo Horizonte (21/6), Vitória (6/7), São Paulo (20/7 e 8/9), Rio (27/7) e Brasília (2/8).

## Expansão

O Bar do Zeca Pagodinho abre nesta quinta (23) sua primeira unidade na Zona Norte, no NorteShopping. O espaço de 870 m<sup>2</sup> promete oferecer uma experiência autêntica do samba e pagode, além de gastronomia de boteco de qualidade.

## Viva Clint!

A segunda parte da Mostra “Clint Eastwood: o Ator, o Diretor, o Gênio” chega ao Estação Net Botafogo 1 e 2, entre os dias 23 e 29, com filmes em película, e sessão extra com bolo e brindes em sessão especial adiantando o aniversário do artista.

## Tributo

E por falar em Zeca, o instituto criado pelo sambista mistura samba com arte urbana neste domingo (26) com as oficinas “Tons da Baixada: um museu a céu aberto”, homenageando a Santíssima Trindade do Samba: Pixinguinha, Donga e João da Baiana.

## Delícias do Vale

A Região Sul Fluminense recebe entre 6 e 17 de junho a 3ª edição do Festival Gastronômico Delícias do Vale do Café, festival reúne cerca de 100 participantes entre cafés, docerias e restaurantes, além de fazendas históricas, produtores e artesãos locais.

Teatro musicado apresenta a trajetória de Heitor dos Prazeres, cantor, compositor, instrumentista e pintor

O espetáculo inédito “Os Prazeres de Heitor, o Mestre-Sala da Pequena África” apresenta ao público um importante nome da cultura popular brasileira: Heitor dos Prazeres (1898-1966), cantor, compositor, instrumentista e pintor brasileiro que viveu na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

O espetáculo será encenado gratuitamente na Praça da Harmonia, sede de Arte Pública Carioca, neste sábado (25), às 17hs. Neste Teatro Musicado o elenco é formado pelos artistas brincantes sobre pernas de pau e músicos da Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades. A direção é assinada por Lígia Novaes e Heglan Moura faz o papel de Heitor.

Nascido na Cidade Nova, Heitor Heitor dos Prazeres foi um artista completo que deixou um legado marcante na cultura brasileira. Viveu em meio à efervescência do samba nas primeiras décadas do século XX e se envolveu desde cedo com o ritmo que se tornaria a sua paixão.

Sua trajetória musical foi marcada por inovações e colaborações memoráveis. Ao lado de figuras como Ismael Silva, Pixinguinha e Noel Rosa, compôs sambas inesquecíveis, como “Cascalho” e “Você me dá Calor”, que se tornaram clássicos do gênero.

Prazeres também se notabilizou como pintor autodidata, retratando em suas obras cenas do cotidiano carioca, com foco na cultura afro-brasileira e no carnaval. Sua arte, marcada por cores vibrantes e traços expressivos, é considerada um importante registro da época e da identidade cultural brasileira.

O artista cunhou o nome “Áfri-

## Um bamba no meio de bambas

Mau/Divulgação



Cena de ‘Heitor dos Prazeres - o Mestre-Sala da Pequena África, novo espetáculo da Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades

ca em miniatura” para designar o todo o território que vai da Praça XI à Pedra do Sal, junto à Praça Mauá.

Frequentador assíduo da Casa de Tia Ciata conviveu com Donga, João da Baiana, Pixinguinha, Sinhô, Paulo da Portela entre outros. Era um bamba no meio dos bambas.

A partir do desfile dos “Pândegos da África”, como nos carnavais, suas músicas e parceiros - João da Baiana, Tia Ciata, Donga, Caninha, Pixinguinha são trazidas entre cenas e textos que marcam este multiartista e exaltam a rua, o lugar

do povo. “Este povo que sou eu, O homem do povo”.

O espetáculo integra um calendário de apresentações mensais da Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades na Praça da Harmonia e que se estende até o dia 15 de dezembro. A próxima apresentação será “Ditirambo São João Xangô Menino”, em 26 de junho.

## SERVIÇO

OS PRAZERES DE HEITOR, O MESTRE-SALA DA PEQUENA ÁFRICA

Praça da Harmonia – Gamboa 25/5, às 17h | Entrada franca



ENTREVISTA / ISABEL HERGUERA, ANIMADORA

RF Sultana/Divulgação

# 'O Anima Mundi inspirou gerações'



**PALME D'OR**  
FESTIVAL DE CANNES

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**N**ascida em San Sebastián, no norte da Espanha, em 1961, e consagrada no cenário mundial do cinema de animação com os curtas “Bajo La Almohada” (2012) e “La Gallina Ciega” (2005), Isabel Herguera anda no radar do Marché du Film do Festival de Cannes graças ao tratado feminista “El Sueño De La Sultana”. Sua direção de arte arrebatou os olheiros de streamings e distribuidoras em visita ao balneário. Seu nome figura nas listas de apostas da indústria animada.

Em setembro, seu longa concorreu à Concha de Ouro do festival da já citada San Sebastián e, na sequência, gravitou pela Mostra de São Paulo. O filme parte de um conto sci-fi indiano de 1905 sobre uma nação utópica chamada Ladyland, onde as mulheres estão no Poder.

Na entrevista a seguir, Isabel fala de sua investigação narrativa ao Correio da Manhã.

**Seu sucesso na competição de San Sebastián põe seu nome em relevo na recente onda de mulheres que estrearam na direção de longas buscando debater a luta pelo empoderamento feminino. Como esse boom de realizadoras te inspira?**

**Isabel Herguera:** Cresci numa cultura cinematográfica na qual o ponto de vista he-

gemônico das narrativas era masculino. Toda a história da Nouvelle Vague, com exceção de Agnès Varda, foi pilotada por homens. O neorealismo é um movimento de homens. Em todos os movimentos que transformaram o cinema, as mulheres eram personagens de histórias que eram narradas por homens. Esse foco agora se expandiu. Nos últimos 20 anos, podemos falar de heroísmo sem falar de John Wayne. Não há mais uma exclusividade para os caubóis. As histórias sobre mulheres estão nascendo de nós, mulheres. Mas é importante dizer que o cenário de trabalho em que debutei, a animação de curtas-metragens, sempre teve lugar para nós. Nos longas, isso está mudando. Estamos chegando.

**Como é a realidade da indústria animada espanhola?**

Eu sou uma cria do curta-metragem, espaço onde não existe uma cobrança de resultado no orçamento. É um lugar de produção independente, de temas adultos, onde todas as questões podem ser tratadas de modo frontal. Era virgem nas dinâmicas industriais do cinema até pouco tempo.

**Como foi a construção de “El Sueño de la Sultana” em sua relação com a tradição gráfica do Velho Mundo?**

Encontrei o livro que nos inspirou em 2012 e comecei a desenvolver o filme em 2017. Nosso orçamento era mínimo, bem menos do que necessitávamos. A produção levou três anos, acontecendo durante a pandemia, em que o modelo de teletrabalho funcionava bem nas práticas processuais da animação, onde as etapas da construção do filme podem ser feitas isoladamente por cada artista. Usei muitas referências da pintura, de quadrinhos e da literatura indiana.



**Destaque no Marché du Film de Cannes, diretora espanhola aponta o estrago que a ausência do festival brasileiro simboliza para o cinema**

**“**Eu sou uma cria do curta-metragem, espaço onde não existe uma cobrança de resultado no orçamento. É um lugar de produção independente, de temas adultos, onde todas as questões podem ser tratadas de modo frontal”

Isabel Herguera

Desde 2019, o maior festival de animação das Américas, o Anima Mundi, está suspenso, por uma falta de verbas inerente à política (anti)cultural de Bolsonaro. **Que memórias tem do evento?**

Sou amiga de Léa Zagury e de Marcos Magalhães, que integram o núcleo fundador do evento. É uma lástima ele não estar acontecendo. Gerações de talento surgiram do Anima Mundi. Era um festival muito generoso, que verberava mundialmente, e conseguia levar nossos filmes para o Rio, para São Paulo, para Brasília. É um absurdo sua ausência.

**Também incluída na seleção oficial de San Sebastián, mas fora de concurso, a animação espanhola “Atiraram no Pianista”, de Fernando Trueba e Javier Mariscal, ganhou uma versão em quadrinhos na Europa. Podemos esperar o mesmo para “El Sueño de La Sultana”?**

Transformar uma animação numa HQ é um caminho natural em que penso, que desejo. Mas o filme ficou pronto tem cerca de dez dias. Nada está definido para seu futuro.





# A artesanian do olhar

Divulgação Berlinale

Aos 73 anos, Nicolas Philibert, ganhador do Urso de Ouro de 2023 com 'No Adamant', preside o júri da competição de documentários do Festival de Cannes, que tem 'Lula' no páreo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**M**omento antes da exibição de "Lula", de Oliver Stone e Rob Wilson, no Festival de Cannes, o francês Nicolas Philibert teve seu nome anunciado com pompa e reverência, por ocupar o posto de presidente do júri do troféu L'Oeil d'Or. A láurea foi criada em 2015 a fim de valorizar produções documentais como o ensaio político de Stone sobre o presidente brasileiro. Quem comanda essa premiação costuma ser uma voz autoral encarada como ás da não ficção, o que é o caso de Philibert, hoje em cartaz no circuito exibidor da França. Um ano depois da conquista do Urso de Ouro com o .doc "No Adamant", ele dá um novo (e mais ousado) passo em sua expedição ao terreno da clínica psiquiátrica no Velho Mundo com o delicado "Averroès & Rosa Parks", exibido na Berlinale, em fevereiro.

Nascido em Nancy há 73 anos, o realizador fez fama com experimentos pautados pela inclusão, como "O País dos Surdos" (1992). Ele faz jus à sua trilha autoral aberta há cinco décadas com seu novo filme, debruçado sobre uma prática de tratamento calcada em técnicas de entrevista (e menos apoiada em ansiolíticos). A ideia é fazer os pacientes falarem sobre o que os acoissam e os angustiam, destacando tam-



**Nicolas Philibert exhibe o Urso de Ouro, conquistado na última Berlinale**

bém suas alegrias e seus desejos.

"A sociedade nos julga pela visibilidade que temos, o que me leva a buscar espaços para gestos de acolhimento que não têm visibilidade na mídia", disse Philibert ao Correio da Manhã, na época das filmagens de "Averroès & Rosa Parks", logo após sua vitória em terras e telas da Alemanha. "Minha maior alegria com o Urso dourado é

cos, que flana pelas águas do Sena. Na passagem por Berlim, no ano passado, o longa ganhou ainda uma menção honrosa do Júri Ecumênico, formado por instituições cristãs de cunho humanista. "Averroès & Rosa Parks" integra a seção paralela berlinale Special, mas tem fortes chances de sair dela com o Prêmio de Melhor Documentário.

"Não me pauto em pesquisa, pois não chego à locação com o filme pronto. O filme em si é a pesquisa, pois eu não quero conceitos prévios, não quero filmar o que eu já sei e não quero impor qualquer conceito intelectual que eu tenha ao universo que busco conhecer", explicou Philibert.

Conhecido no Brasil pelos docs "Ser e Ter" (2002) e "Cidade Louvre" (1990), ele passou ao posto de diretor há cerca de 45 anos, ao filmar "La Voix De Son Maître", ouvindo executivos em posição de chefia em grandes empresas. Nos 37 projetos que filmou na sequência, ele se pautou sempre por um mesmo método. "Pesquisas não são algo mau. Jamais. Alguma coisa eu preciso estudar sobre o tema que vou retratar. Não posso ser leviano e ir sem preparo, sem o mínimo de informação. Mas não posso impor postulações, sobretudo num caso como o do atendimento de psiquiatras na França", diz o cineasta.

Há transtornos emocionais, crises existenciais e questões psiquiátricas graves abalando quem foi ao Adamant buscar ajuda. "Aquele lugar acolhe gente fragilizada, com fraturas, mas é gente que resiste. Meu papel político como artista foi da voz a eles", disse Philibert, que aposta numa edição de timbre poético em "Averroès & Rosa Parks". "Existem variadas formas de se fazer documentário. Eu faço o que considero ser 'cinema político', mas não me rendo ao rótulo que define esse conceito por aproximações a causas militantes, a slogans de governo. Eu não faço slogans, não aposto em proselitismos. Slogans são uma redução do pensamento. Sou contra a simplificação das ideias. Sou a favor da complexidade na troca. O que eu faço de 'político' passa pelo direito à construção da própria fala. Eu não imponho a meus documentados o que de ver ser dito, não sou eu quem leva a palavra àqueles pacientes. Deixá-los construírem seu próprio discurso é que um gesto político em si".

Cannes segue até o dia 25. Os artistas e filmes premiados no evento serão anunciados no dia 24, pelo júri presidido pela atriz e diretora Greta Gerwig. Até o momento, "Emília Pérez", um musical de Jacques Audiard ambientado México, é o longa com mais pinta de vencedor.

saber o quanto o troféu pode vir a favorecer a carreira de outros projetos de não ficção ao provar que o formato documental tem chance de conquistar um prêmio tradicionalmente atribuído às narrativas ficcionais

O êxito mundial de "Sur L'Adamant" - título original da produção que melhor coroou sua estética - ampliou o interesse do planisfério cinéfilo por seu olhar sobre as contradições do real. Nele, Philibert nos leva até uma estação fluvial de atendimento clínico a pacientes com distúrbio psiquiátri-



# O alvo: Donald Trump

Cinebiografia do empresário e ex-presidente americano vira o filme mais polêmico da briga pela Palma de Ouro até agora, sendo ameaçado de processo pelo comitê trumpista



**PALME D'OR**  
FESTIVAL DE CANNES

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**D**onald Trump deve estar espumando de raiva contra o Festival de Cannes ao chegar o quanto o filme “The Apprentice” está sendo bem recebido na Europa, a ponto de qualificar Sebastian Stan como favorito ao prêmio de Melhor Ator. O longa-metragem é uma cinebiografia não autorizada do ex-presidente estadunidense, que sonha retornar à Casa Branca. Quem tem dúvidas sobre os ditames morais do empresário e outrora estadista tenderá a não apoiá-lo depois de assistir ao retrato de sua juventude que o diretor Ali Abbasi (de “Holy Spider”) produziu, tendo Stan no papel central.

“Não é um filme sobre Trump, mas sim um filme sobre o sistema, sobre como o sistema funciona e como o poder se articula com ele. A ideia de que os Estados Unidos estão divididos é uma ficção, pois as pessoas que



Divulgação

**‘The Apprentice’ (O Aprendiz) se concentra na ascensão econômica de Donald Trump entre os anos 1980 e 1990**

parecem estar em lados opostos frequentam as mesmas festas. Acho que (o escritor) Kurt Vonnegut definiu bem a situação ao dizer: ‘Na América só existem dois partidos: os vencedores e os derrotados.’ Esse é o esquema”, disse Abbasi, um iranino criado em terras escandinavas que chamou a atenção da crítica com o thriller “Border” (2018). “Não sei se Trump vai desgostar do nosso filme. Talvez ele se surpreenda”.

Para um artista que acredita não ser oti-

mista, Abbasi anda confiante demais na boa vontade de Trump, uma vez que “The Apprentice” devasta as supostas virtudes que seu personagem central poderia ter. O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com o poderoso advogado Roy Cohn, vivido por Jeremy Strong (da série “Succession”). Roy vira um mentor que ensina a seu pupilo as manhas sobre como vencer

nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno” que, pouco a pouco, trai a confiança do mestre. Desrespeita ainda sua mulher, Ivana (Maria Bakalova), submetendo-a a uma violência sexual. Por isso (e mais um pouco), o comitê Trump quer processar o filme. Mas Abbasi não teme represálias.

“Nossa ideia é lançar o filme em setembro, em meio à campanha eleitoral. As eleições serão o nosso marketing”, disse o cineasta, que arranca de Stan uma atuação magistral.

Conhecido na seara pop de Hollywood pelo papel do super-herói Soldado Invernal, da Marvel, ele ganhou o Urso de Prata de Berlim, em fevereiro, por “A Different Man”. Tem tudo para sair da Croisette laureado também.

“Nossa esperança é que as pessoas vejam o filme”, disse Stan ao Correio da Manhã.

Entre os concorrentes à Palma de Ouro, “The Apprentice” vem logo atrás de “Emilia Pérez”, de Jacques Audiard, tratado como favorito pela excelência de suas coreografias e a contundência de seu debate contra a transfobia. Na trama, um líder de um cartel do tráfico no México quer transicionar de gênero e pede ajuda a uma advogada – vivida por Zoe Saldaña, de “Avatar” – a fim de mudar de vida e virar Emilia (papel de Karla Sofia Gascón). O terceiro dos competidores a ter fôlego para prêmios é “Megalópolis”, de Francis Ford Coppola, que dividiu opiniões, mas dá uma aula de poesia ao narrar a luta de um arquiteto (Adam Driver) para criar a cidade perfeita.

## Kevin Costner leva Cannes ao Oeste

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pouco antes de rodar “Dança Com Lobos” (1990), pelo qual ganhou os Oscars de Melhor Filme e Direção, Kevin Costner pensou num personagem, o pistoleiro Hayes, e começou a idealizar um épico para que ele estrelasse. É uma narrativa sobre a construção de uma cidade nos anos 1800, em meio a disputas de terras com populações indígenas e conflitos ligados à Guerra de Secessão.

Cerca de 35 anos depois, o ator e realiza-



Divulgação

**Horizon - An American Saga**

dor de 69 anos enfim tirou o projeto do papel, investindo cerca de US\$ 20 milhões de seu bolso, a ponto de precisar hipotecar sua

casa: “Horizon – An American Saga”.

“Foi uma odisséia, como o próprio filme. As pessoas me diziam: ‘Ninguém faz dois filmes, Kevin, por que você quer fazer quatro?’”, contou à AFP o ator e diretor.

Com Sienna Miller e Sam Worthington nos papéis principais, o filme é um cruzamento de histórias de colonos e colonizados, de brancos e indígenas, em um oeste violento e dramático.

O ator americano não pisava em Cannes há duas décadas. No entanto, “Horizon” não disputa a Palma de Ouro, que tem um gran-

de favorito: o drama musical “Emília Perez”, protagonizado pela atriz trans espanhola Karla Sofia Gascón. Atualmente, ele atua na série “Yellowstone”.

A produção foi concebida para ser uma tetralogia: são quatro longas dos quais os dois primeiros já estão rodados. Costner exibiu o tomo inicial e saiu de Cannes às pressas para o set da Parte 3. “As pessoas pensam que fazer um western é fácil, mas não é. Ele depende da arquitetura certa”, disse o ator, que foi ovacionado na Croisette.

Nesta quarta, a cidade confere o concorrente brasileiro à Palma de Ouro: “Motel Destino”, de Karim Ainouz, estruturado como um thriller erótico.



# Um templo para projeções em 35mm

Philot Studio/Divulgação

Teatro Imperial recupera projetores e lança o projeto com a realização de sessões gratuitas e até distribuição de pipoca



*O palco da casa de espetáculos já foi espaço de projeções cinematográficas no passado e o hall de entrada do Teatro Imperial, totalmente restaurado, proporciona uma viagem no tempo*



**O** recém inaugurado Teatro Imperial, localizado em Petrópolis, lança nesta quarta-feira (22), às 18h, uma novidade: o Cine Teatro Imperial. Com a recuperação da antiga cabine de projeção e da reativação das máquinas de projeção modelo Elton IV, a exibição em 35mm, considerada pelos amantes da sétima arte a mais tradicional da história do audiovisual, poderá ser vista por meio de sessões gratuitas ao público, com distribuição de pipoca.

Com suas características arquitetônicas preservadas, a sala cênica do Teatro Imperial tem uma estrutura própria para projeção de filmes, pois conta com algumas peculiaridades que contribuem para uma experiência autêntica, se pensarmos na arte da transmissão em 35mm: sala com a capacidade para 606 pessoas, acessível, com a acústica favorecida pelo formato em diamante da sala cênica e os assentos clássicos modelo Cimo, ícone do mobiliário moderno brasileiro, hoje totalmente restauradas, que foram projetadas especialmente para teatros, cinemas e auditórios das décadas de 1950 e 1960.

O projeto do Cine Teatro é uma iniciativa da Natureza Produções, que tem como sócios o gestor cultural Paulo Lopez e a atriz Sabrina Korgut com apoio do Ministério da Cultura e

da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, através da Lei Paulo Gustavo – Apoio aos Espaços do Audiovisual.

Durante algumas décadas o espaço funcionou como o antigo

Cine Art Palácio, e depois, Cine Santa Cecília e Cine Teatro Santa Cecília. Ao saber da existência da cabine de projeção e dos equipamentos, até então trancados por mais de duas décadas, Paulo e Sabrina perceberam que se tratava de algo realmente importante. “A recuperação dessas máquinas significaria assumir um compromisso em relação à memória do cinema, promovendo um diálogo

do passado com a atualidade, além do privilégio de se ter um teatro recém reformado e apto para funcionar também como sala de cinema”, comemora Sabrina.

Foram necessárias algumas benfeitorias para garantir a total funcionalidade das máquinas e, conseqüentemente, dessa arte quase extinta de transmissão. “Trata-se sim de memórias que precisam ser libertadas e ao mesmo

tempo preservadas”, acrescenta.

A arte do cinema em 35mm tem mais de 120 anos de história e foi praticamente substituída pelo formato digital. “Recuperar essa forma de projeção é também proporcionar uma nova experiência ao público, além de apresentar para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer esse tipo de transmissão a exibição de imagens ao modo clássico e convencional”, destaca Paulo Lopez.

Há um fato histórico que liga Petrópolis à Sétima Arte: A primeira exibição de um filme nacional, ‘Chegada do Trem em Petrópolis’, com direção de Vittorio Di Maio, foi realizada em Petrópolis no dia 1º de maio de 1897, no extinto Teatro Cassino Fluminense.

A inauguração do Cine Teatro contará com a parceria do Acervo César Nunes, que irá exibir valiosos olhares sobre momentos históricos, em décadas passadas, de Petrópolis e do Rio de Janeiro, incluindo o filme “Uma Joia entre as Montanhas”, com narração de Cid Moreira. César Nunes foi um importante produtor cinematográfico que dedicou a vida à cinematografia e produções para cinejornais e documentários que retratavam a realidade daquela época. O atual responsável pelo acervo, o pesquisador e projecionista Marcio Nunes, também irá realizar um bate-papo, após a sessão, contando sobre sua dedicação ao legado da família Nunes e a arte do cinema.

São previstas ainda parcerias com entidades do audiovisual como MAM, Arquivo Nacional e Centro Técnico Audiovisual (CTAv) para a cessão de obras que possam ser apresentadas no local.

## SERVIÇO

TEATRO IMPERIAL  
Rua Marechal Deodoro 192 –  
Centro – Petrópolis



# Uma festa grandiosa para Tim Maia

Prêmio da Música Brasileira seleciona 27 artistas para homenagear o nosso maior nome da soul music

O Prêmio da Música Brasileira anunciou nesta terça-feira (21) a programação musical dos artistas que se apresentarão ao vivo em sua 31ª edição. No dia 12 de junho, o Theatro Municipal será palco de uma celebração especial dedicada a Tim Maia (1942-1998).

A programação com 27 grandes nomes da música brasileira contempla números musicais de

artistas como Marisa Monte, Ney Matogrosso e Seu Jorge, entre outras vozes consagradas e novos talentos da música nacional, que farão interpretações inéditas do vasto repertório do homenageado. Sob a direção de José Maurício Machline e Giovanna Machline, a noite premiará os artistas, compositores, produtores e musicistas que mais se destacaram no decorrer de 2023, em 32 categorias.

O evento será transmitido ao



## VEJA AS ATRAÇÕES DO 31º PMB

- \*Simone e Ney Matogrosso,
- \*Marisa Monte,
- \*Chico César, Alceu Valença e Mônica Salmaso,
- \*Zélia Duncan e Silva,
- \*Seu Jorge, Melly e Rachel Reis,
- \*Larissa Luz, Carlinhos Brown e Hiran,
- \*Céu e Xamã,
- \*Sandra Sá, Margareth Menezes e Sued Nunes,
- \*Pedro Sampaio, Márcio Victor (Psirico) e Gloria Groove,
- \*Toni Tornado, Lazzo Matumbi, Yan Cloud e Jota.Pê,
- \*Cida Moreira e Rico Dalasam.

Tim Maia terá sua obra revista por intérpretes de várias gerações da MPB

vivo pelo Canal Brasil e pelo canal do Prêmio da Música Brasileira no YouTube. Machline destaca o desafio da criação do roteiro de um espetáculo em homenagem à obra monumental de Tim Maia: “Fazer um roteiro a respeito desse nosso homenageado talvez seja das coisas mais difíceis ao longo

desses 31 anos do Prêmio. São tantos sucessos, tantas vertentes, tantas músicas indispensáveis que esse gênio da composição e do jeito de cantar brasileiro tem, que é um sofrimento escolher o que você tira, porque alguma coisa tem que ser tirada”, lamenta.

Serão 11 apresentações inéditas de clássicos de Tim Maia,

permeando todas as fases de sua carreira, das primeiras canções em inglês, até os grandes hits disco-soul, passando por seu vasto repertório romântico. Entre elas, o Prêmio da Música Brasileira revela os quatro primeiros números musicais.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Projeto ambicioso

Com a participação da cantora Lou Garcia, o rapper Projota lança “Ninguém”, a quarta faixa prévia do novo projeto do rapper, o álbum audiovisual “Alguém Tinha Que Falar de Amor”. Além de Lou, o trabalho conta com a participação dos artistas Mumuzinho, Priscilla, Budah e Sotam. A série foi desenvolvida com a participação de mais de 70 profissionais de cinema, em um formato inédito na cena do rap. “É o projeto mais ambicioso da minha carreira. Depois de tantos anos criando, eu precisava me desafiar”, diz Projota.

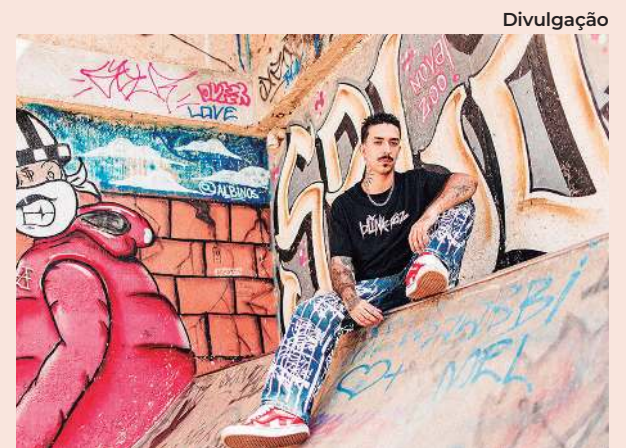
Reprodução Vevo



Divulgação

### Encontro de gerações

Fenômeno no pagode, Guga Nandes lança o single, “Esperava Mais”, com participação especial do cantor Belo, que acaba de chegar às plataformas digitais. O projeto marca o início de uma nova fase da sua carreira de Guga, mais madura e romântica. A música traz a narrativa de um relacionamento que não deu certo e um dos lados, sofrido mas consciente, se deixa levar pela saudade. É essa pegada de desilusão que marca o encontro de gerações. “Me sinto um cara de sorte sendo escolhido para gravar com outros artistas tão talentosos como o Guga Nandes”, elogia Belo.



Divulgação

### Estética pop e funk

Depois de lançar “Macetinho” em janeiro deste ano, uma parceria com Wes, o cantor Quéops apresenta o single “Dança Gatinho”, composição de Alinne Garruth com produção de Marcel, que chega às plataformas, com direto a clipe, nesta sexta-feira (24). “Esse novo single tem uma sonoridade pop e funk, com referências aos anos 2000. Ele bebe na fonte de “Macetinho”. A maior intenção é trazer, na estética sonora e visual, as referências do passado que são marcantes no imaginário de quem viveu aquela década, sem deixar de tornar atual”, explica Quéops.



# Materializando novas formas a partir da luz

Artista Visual Ana Coutinho lança a instalação 'Vasos Condutores do Tempo' no Galpão Portinho, na Zona Portuária

Com pinturas nas janelas do Espaço Portinho, imóvel centenário junto aos galpões da Zona Portuária, na Praça Mauá, a artista visual e designer Ana Coutinho explora o mapeamento do tempo através da materialização de novas formas, por meio da entrada da luz, com a instalação "Vasos Condutores do Tempo".

A obra chega ao centro da capital carioca como um convite ao espectador para se sentir parte da exposição, observando a fragilidade de cada pincelada sobre a própria pele, ao passo que a claridade reflete as pinturas nos vitrais. Com a curadoria de Keyna Eleison, a instalação site specific ficará aberta ao público a partir desta quinta-feira (23), indo até o dia 7 de junho.

Na próxima terça-feira (28), às 11h, artista e curadora conduzem um bate-papo sobre os processos de construção da narrativa que guiou a exposição. A programação ainda conta com performances da artista visual com luz, sombra e pintura das telas, entre os dias 4 e 6 de junho, e chega ao fim com uma finalização, cerimônia de encerramento, no dia 7. A entrada é gratuita.

"O conceito por trás deste projeto é que ao longo do dia a arte crie reflexos e projeções diferentes dentro do espaço expositivo, proporcionando uma experiência única de acordo com o horário de visitação", explica Ana, graduada em Comunicação Visual pela PUC - Rio e mestra em Artes e Design pela Universidade Central Saint Martins em Londres,

além de diversos cursos de especialização no campo das artes visuais em instituições como o Parque Lage, Instituto Tomie Ohtake, Escola de Belas Artes (SP), School of Visual Arts (NY), entre outros.

Unindo a arte de cada pincelada com o ambiente e tempo, a instalação promove uma exploração de novas superfícies em contraste com a luz do sol. A proposta é que, assim, a abstração ganhe novas projeções e significados. A artista recomenda o uso de roupas claras e leves, para uma melhor experiência visual.

Intitulada "Vasos Condutores do Tempo", a instalação ainda tem sua experiência amplificada com a ocupação de diferentes obras em tela e tecido pelo galpão.

Recentemente Ana Coutinho iniciou sua carreira internacional participando da exposição Signs Point to Yes, na Galeria Amarelo, em Lisboa, e da exposição Reimagined Realities, na Galeria Arteria, em Barcelona.

No ano passado, também participou de uma residência artística em Barcelona, e a convite do Instituto das Artistas Latinas. Fez parte ainda do time de mulheres do seu Stand Institucional na Art Rio onde mostrou seus trabalhos da sua atual pesquisa.

Ao longo dos anos de produção artística, Ana transitou por diferentes segmentos da arte, moda e design, morando durante oito anos em São Paulo, Nova York e Londres, o que lhe fez travar contato com repertórios visuais distintos.

No campo da moda, trabalhou como print designer para o estilista Alexander McQueen, em Londres, e Donna Karan e Calvin Klein, em Nova York, além de marcas brasileiras. Desde o início de 2020 voltou a morar no Rio, sua cidade natal, e hoje se dedica exclusivamente às artes visuais.

## SERVIÇO

VASOS CONDUTORES DO TEMPO  
Espaço Portinho (Av. Rodrigues Alves,  
135, 3º andar – Zona Portuária)  
De 23/5 e 7/6, de segunda a sábado  
(10h30 às 14h) | Entrada franca



Artista visual e designer, Ana Coutinho trabalha na finalização dos painéis da instalação que será aberta ao público nesta quinta-feira